REVISTA

DISCENTES

ENSINO MÉDIO | CEARÁ

ED12 | V01 | 2024

9 772527 058000

PENSE NISSO!

"NÃO SE ACHA A PAZ EVITANDO A VIDA."

Virgínia Wolf,
escritora, ensaísta e editora britânica.

EDITORIAL

A falta de vontade política é o mais impactante dos fenômenos

RODRIGO NÓBREGA MARTINS

É com satisfação que apresentamos a 12.ª edição da Revista Discentes, um número que se debruça sobre questões urgentes da realidade brasileira e sobre a riqueza do nosso patrimônio literário.

Nesta edição, voltamos nosso olhar para um drama que se repete, ano após ano, em diferentes regiões do país: as enchentes que vitimam milhares de brasileiros. Trata-se de um transtorno evitável, cuja persistência revela não a ausência de soluções técnicas, mas a falta de vontade e iniciativa política para implementá-las.

Enquanto sistemas de drenagem permanecem obsoletos, obras de contenção ficam inacabadas e políticas de ocupação urbana são negligenciadas, famílias inteiras perdem suas casas, seus bens móveis e, não raro, suas vidas.

O estudo presente nesta edição analisa as dimensões sociais, ambientais e políticas dessa tragédia anunciada, propondo caminhos para romper com esse ciclo de descaso tão frequente no Brasil.

Além dessa temática contemporânea e urgente, esta edição traz também um estudo instigante sobre Lima Barreto, um dos mais importantes escritores brasileiros. Sua obra, ofuscada por uma certa desimportância que lhe foi atribuída por seus contemporâneos e em certa medida esquecida pelas gerações sucessivas, caracterizada pela crítica social e pela denúncia das injustiças de seu tempo, permanece surpreendentemente atual, dialogando com muitas das questões que ainda nos afligem cotidianamente.

Lima Barreto era um homem à frente do seu tempo e não teve mais espaço por ser um periférico social em todos os sentidos: do bolso à cor da pele.

Nascido no Rio de Janeiro, Lima Barreto era filho de um tipógrafo e neto de escravizados. Sua origem humilde e sua condição de homem negro em uma sociedade racista marcaram profundamente sua vida e sua produção literária.

Por outro lado, ressaltamos os caminhos literários traçados por Maria José Gomes Landim em "O encontro translúcido". Seu lirismo nos encanta a todos. A filosofia presente na crônica escrita assim, em meio ao tumulto de uma sala de aula, onde reverberam gritos, revela sua pertinaz determinação pela escrita; seu texto revela a dinâmica da vida que tantas vezes nos fez, nos faz e nos fará chorar diante das despedidas inevitáveis, dolorosas e necessárias.

Apresentamos também uma interessante pesquisa sobre Cecília Meireles, uma das grandes damas da literatura brasileira. Como Francisca Júlia, sua antecessora, Cecília une dor, leveza e beleza como raramente se pode encontrar na literatura e no mundo.

O famoso Mestre Noza, ícone da cultura sertaneja, alma de artista, movimentador cultural; artífice de tantas habilidades, não está mais entre nós desde muito tempo. Morreu em 1983. Seu legado e sua memória, entretanto, permanecem pujantes. É o que nos conta o artigo do Guilherme e da Maria Cecília.

E tem mais! Que tal aumentar seu repertório cultural para as redações com cientista sociais, poetas e musicistas? Michel Foucault, Mercedes Sosa, o próprio Lima Barreto, estão prontamente dispostos a ajudar-te.

Por fim, em mais um ano que se encerra em nossas vidas, desejamos a todos, primeiramente, paz, saúde, harmonia. Mas também desejamos uma excelente leitura e esperamos que os textos aqui apresentados contribuam para o debate escolar e para a formação de uma consciência crítica sobre os desafios do nosso tempo. Nossos profundos respeitos e agradecimentos.

Os editores.

REVISTA DISCENTES

EXPEDIENTE

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL ESTADO DA BAHIA. R. JOSÉ PINHEIRO ESMERALDO, S/N - PINTO MADEIRA, CRATO - CE, 63101-085.
+55 (88) 9.8128-0812
WWW.PORTALEE.COM.BR
CONTATO@PORTALEE.COM.BR
EDIÇÃO, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO:
RODRIGO NÓBREGA MARTINS
TODOS OS TEXTOS NARRATIVO-FICCIONAIS DESTA EDIÇÃO SÃO DE AUTORIA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO ESTADO DO CEARÁ. TODAS AS PESQUISAS E CONSULTAS ÀS DIVERSAS FONTE DE INFORMAÇÃO SÃO FEITAS PELOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO ESTADO DO CEARÁ.

DIADORIM

"Busque o que é significativo, não o que é conveniente".

Jordan Perterson
psicólogo, escritor, professor e comentarista canadense.

“

**A estrada é sua.
Somente sua.
Outros podem
Andar do seu lado,
Mas ninguém
Caminha por você.**

”

Cora Coralina

REVISTA DISCENTES

SUMÁRIO

08 **Enchentes: principais causas**
Luís Gustavo Souza Rangel
EEM Governador Adauto Bezerra

10 **Encontro translúcido**
Maria José Sales Landim
EEMTI Figueiredo Correia

13 **Lima Barreto: entre a genialidade e a depressão**
Antônio Cícero Carvalho Costa; Amanda Cristino Cleto; João Carlos Clemente Mariano
EEEP Aderson Borges de Carvalho

20 **Cecília Meireles: dor e leveza**
Mayara sousa de Lima; Yara alves pimentel; Jorge Gabriel Lumes Silva
EEMTI Francisco Vieira Cavalcante

24 **Mestre Nosa: alma sertaneja**
Guilherme Tomé Valeiro
Maria Cecília Alves Landim
EEMTI FIGUEIREDO CORREIA

BY NC ND

“A insatisfação é o primeiro passo para o progresso de um homem ou de uma nação.”

Michel Foucault, filósofo, historiador, filólogo, crítico literário e professor.

ENCHENTES BRASILEIRAS: PRINCIPAIS CAUSAS

Luís Gustavo Souza Rangel
EEM Governador Adauto Bezerra

Várias são as causas das enchentes urbanas, mas, entre as principais, relacionamos o tipo de piso das cidades, a presença de lixo nos bueiros, erros de projeto (drenagem insuficiente) e a ocupação irregular do solo.

As consequências das enchentes urbanas são diversas e afetam diretamente a população mais pobre. Podemos citar prejuízos materiais, como perda de bens móveis diversos. Entretanto, os danos maiores são, sem dúvida, as muitas vidas perdidas ano após ano.

Para evitar as enchentes, é necessário que os locais contenham um bom sistema de drenagem pluvial. Isso inclui bocas de lobo ou bueiros livres para que as águas das ruas sejam drenadas e encaminhadas para os rios.

Para garantir a drenagem de grandes quantidades de água em situações emergenciais, cidades devem implantar medidas como parques alagáveis, telhados verdes e calçamentos permeáveis em espaços públicos, entre outras medidas. Tudo isso ajuda a garantir que as cidades tenham espaço e tempo para que a água seja absorvida pelo solo e a população não sofra tantas e diversas perdas.

O entupimento dos bueiros pelo descarte irregular do lixo é um dos graves problemas que favorece as tragédias hídricas.

A ampliação da malha asfáltica e as enchentes

A intensificação das enchentes em áreas urbanas está diretamente relacionada à expansão da malha asfáltica. O processo de urbanização, ao privilegiar a pavimentação de ruas e avenidas, reduz significativamente o espaço de infiltração da água da chuva no solo. O asfalto, por ser impermeável, impede que a água escoe naturalmente para o subsolo, o que gera sobrecarga nas redes de drenagem. Quando estas não estão preparadas para receber tal volume, os alagamentos tornam-se inevitáveis e ainda mais severos.

Além disso, o crescimento desordenado das cidades intensifica esse problema. A substituição de áreas verdes por pavimento sem um estudo de impactos ambientais compromete o equilíbrio ambiental, uma vez que a vegetação exerce papel essencial na absorção e retenção da água. Sem essa função natural, o ciclo hidrológico é desequilibrado, favorecendo o acúmulo de água em vias urbanas e ampliando o risco de enchentes.

Com isso, a população é impactada não apenas por transtornos imediatos, como prejuízos materiais e perda de mobilidade, mas também por efeitos de longo prazo, como o desgaste da infraestrutura e o aumento da vulnerabilidade a doenças decorrentes da água parada, além, é claro, das perdas irreversíveis: afetos que perecem e não voltam mais...

A intensificação das enchentes em áreas urbanas está diretamente relacionada à expansão da malha asfáltica.

“

TODA CENSURA ES PELIGROSA PORQUE DETIENE EL DESARROLLO CULTURAL DE UN PUEBLO.

”

MERCEDES SOSA

Cantora argentina, uma das mais célebres vozes da América latina.

REPERTÓRIO CULTURAL

Maria José Sales Landim
EEMTI FIGUEIREDO CORREIA

O ENCONTRO TRANSLÚCIDO

Na vastidão onde o mar beija a areia em sussurros de espuma, duas figuras emergem do horizonte como promessas antigas. Seus pés descalços beijam a praia com urgência de quem finalmente reconhece, no outro, o espelho perdido da própria alma.

Correm.

Os braços abertos são asas que não voam, mas que anunciam — em sua extensão generosa — a fome do abraço, a sede do encontro, o desejo de dissolver toda distância que separa um ser do outro.

O vento carrega grãos de areia dourada que dançam em torno delas como testemunhas cúmplices. O sol derrama sua luz oblíqua, transformando seus corpos em silhuetas radiantes, quase etéreas, como se já pressentissem o que está por vir. E então acontece.

No instante preciso em que os braços deveriam se fechar, em que o corpo deveria encontrar o corpo, em que o calor de uma pele deveria reconhecer o calor da outra — elas se atravessam. Uma passa pela outra como brisa atravessa brisa, como luz atravessa luz, como memória atravessa sonho.

Nesse momento impossível, suas fronteiras se desfazem. As cores de uma — o azul de seus olhos, o bronze de sua pele, o vermelho de seu coração pulsante — fundem-se às cores da outra em uma aquarela que não obedece às leis da matéria. Os traços de seus rostos, as linhas de seus corpos, as texturas de suas existências misturam-se numa alquimia de formas que se entrelaçam sem se reter.

É um abraço que transcende o toque. Um encontro que dispensa a colisão. Por uma fração de eternidade, elas são uma única tapeçaria viva, tecida de duas vidas que se reconhecem como uma só, para além do corpo.

E quando se completam, quando terminam de atravessar uma à outra, ambas continuam. Continuam correndo com os braços abertos, agora carregando em si fragmentos da outra — um azul diferente na borda do olhar, um traço novo no sorriso, uma tonalidade estranha na voz que o vento leva.

Correm, agora, em direções opostas sobre a areia que guarda suas pegadas paralelas, cada uma levando consigo a bagagem luminosa daquele encontro possível e impossível, efêmero, sobretudo. Porque algumas presenças não precisam de abraços para permanecerem. Alguns encontros não precisam de corpos para serem completos. E porque a força dos braços, do desejo e do apego são nada face à inexorabilidade do tempo das coisas...

O tempo... Ah... O tempo... Esse menino danado que brinca de desfazer...

Os amantes distanciam-se, ainda de braços abertos, misturando riso e lágrimas, carregando agora cores diferentes, traços outros daqueles iniciais. Misturaram-se; carregam-se, mas não estreitam-se em corpos.

O tempo... Ah... O tempo... Esse menino que tudo transforma...

E a praia, testemunha silenciosa, continua oferecendo seu infinito para que almas se cruzem, se atravessem, se transformem — e sigam, sempre, de braços abertos para o horizonte, numa sempre indesejada despedida.

Resposta ao tempo

Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter
Argumento

Mas fico sem jeito calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei

Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo

Recordo um amor que perdi
Ele ri
Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei

E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro
Sozinhos

Respondo que ele aprisiona
Eu liberto
Que ele adormece as paixões
Eu desperto

E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver

No fundo é uma eterna criança
Que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder
Me esquecer

Aldir Blanc;
Cristóvão Bastos.

“O pão que se come em paz é mais valioso que um banquete na tempestade.”

MALAK EL HALABI

Antônio Cícero Carvalho Costa | Amanda Cristino Cleto | João Carlos Clemente Mariano
EEEP ADERSON BORGES DE CARVALHO

Lima Barreto

Entre a genialidade e a depressão

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em maio de 1881 e faleceu na mesma cidade em 1922, aos 41 anos. Mulato e de origem humilde em um Brasil escravista, Lima Barreto viveu intensamente as contradições da sociedade brasileira do início do século XX, experiência que marcaria profundamente sua literatura.

Filho do tipógrafo João Henriques e da professora primária Amália Augusta, Lima Barreto não teve vida fácil. Perdeu a mãe ainda criança, quando tinha apenas seis anos. Seu pai, após a abolição da escravatura, conseguiu emprego modesto como tipógrafo, mas acabou enlouquecendo, obrigando Lima Barreto a abandonar os estudos de engenharia na Escola Politécnica para sustentar a família. Tornou-se, a partir de então, funcionário público, trabalhando como amanuense* na Secretaria de Guerra.

A vida de Lima Barreto foi marcada por dificuldades financeiras, alcoolismo e episódios de internação em hospícios. Enfrentou o preconceito racial de uma sociedade que ainda carregava as feridas da escravidão recém-abolida. Essas experiências pessoais tornaram-se material essencial para sua obra literária, sempre voltada à crítica social e à denúncia das injustiças.

“O Brasil não tem povo, tem público.

Lima Barreto

**** Amanuense (2g): o que escreve textos à mão; escrevente, copista, secretário funcionário de repartição pública que ger. fazia cópias, registros e cuidava da correspondência.***

OBRAS

O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ

OS BRUZUNDANGAS

DIÁRIO DO HOSPÍCIO

O CEMITÉRIO DOS VIVOS

Seu debut literário deu-se no ano de 1907, com algumas contribuições à Revista Fon-Fon. Quem lhe conseguiu o emprego foi o poeta Mário Pederneiras. Mas Lima Barreto passou pouco tempo contribuindo com a revista. Sentindo-se desvalorizado, resolve lançar seu próprio periódico, intitulado Floreal. Em 1911 publica "O triste fim de Policarpo Quaresma", como folhetim no Jornal do Commércio. Somente em 1914/1915 lança a obra como livro, pagando a tiragem do próprio bolso. Por essa época, contudo, já sofria bastante com o alcoolismo e a depressão, passando por sua primeira internação. Desde então, sua saúde se tornaria, a cada dia, mais frágil. Em 1922 sofre um colapso cardíaco, diante do qual não resiste.

Apesar do talento reconhecido por alguns contemporâneos, Lima Barreto foi marginalizado pelos círculos literários da época, dominados pela estética parnasiana e por uma elite que ele criticava ferozmente. Sua linguagem coloquial e sua temática social eram vistas com desprezo pela crítica oficial.

Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.

— Lima Barreto

ANNO I N. 1

FLOREAL

Publicação bi-mensal

de critica e litteratura

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

Rua Sete de Setembro, 89

1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907

Legado

Lima Barreto foi redescoberto e valorizado apenas décadas após sua morte. Hoje é reconhecido como um dos mais importantes escritores brasileiros, precursor do modernismo por sua linguagem direta e sua temática social. Sua obra antecipa discussões sobre racismo, exclusão social e crítica às instituições. Tais características tornam suas obras extremamente atuais. Foi um escritor militante que usou a literatura como instrumento de denúncia e transformação social, pagando o preço da marginalização em vida para conquistar, postumamente, o reconhecimento como um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Questionamos, contudo, o valor deste reconhecimento póstumo. As pessoas devem ser reconhecidas pelos seus talentos em vida. Se isso tivesse acontecido ao grande Lima Barreto, certamente teríamos outras tantas obras de sua autoria.

LIMA BARRETO NA TELA

Entre 1993 e 1994, a TV Globo exibiu a telenovela Fera Ferida, uma produção que incorporava elementos da literatura brasileira em seu enredo.

A trama, escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, ia ao ar de segunda a sábado após o Jornal Nacional, horário mais nobre da emissora. Tinha 210 capítulos e apresentava diversos personagens inspirados nas obras do renomado escritor Lima Barreto. A novela estabeleceu um diálogo criativo com o universo literário de Lima Barreto, um dos mais importantes escritores brasileiros do início do século XX.

O próprio autor está representado no enredo da telenovela, pelo ator Otávio Augusto.

Na trama global, Lima Barreto é um poeta de vida errante que sofre as consequências da dependência alcoólica. Até aí, tudo bem. Ele tinha problemas nesse sentido. A despeito da qualidade da telenovela, é de notar e de entristecer que figuras negras - como o caso de Lima Barreto - sejam trazidas para os dias atuais descaracterizados. A telenovela apresenta um Lima Barreto branco, o que de fato, não é verdade.

Fica evidente como o preconceito racial é algo que permeia todas as esferas sociais. O embranquecimento de figuras históricas mostra isso claramente. Triste realidade.

Havia-me preparado para todas as eventualidades da vida. Imaginei-me amarrado para ser fuzilado, esforçando-me para não tremer nem chorar; imaginei-me assaltado por facínoras e ter coragem para enfrentá-los; supus-me reduzido à maior miséria e a mendigar; mas por aquele transe eu jamais pensei ter de passar. Como é difícil controlar o amor.

LIMA BARRETO, *IN* CEMITÉRIO DOS VIVOS.

CENTRO DE CULTURA POPULAR MESTRE NOZA

Localizado em Juazeiro do Norte, o Centro de Cultura Popular Mestre Noza foi criado em homenagem ao pernambucano Inocêncio Medeiros da Costa, ou simplesmente Mestre Noza, considerado o primeiro artesão da região. O centro nasceu em junho de 1983 a partir do Encontro de Produção de Artesanato Popular e Identidade Cultural, uma iniciativa do Instituto Nacional de Folclore (INF) do Ceará e promovido pela Fundação Nacional de Arte (Funarte). O objetivo era proporcionar aos artesãos mais perspectivas de trabalho, aumentando o volume de negócios realizados e garantindo uma renda digna em uma atividade sustentável.

FLORBELA ESPANCA

POETISA PORTUGUESA

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja minha noite uma alvorada
E que eu saiba me perder
para me encontrar...

CECÍLIA

NÃO SOU ALEGRE NEM SOU TRISTE

MAYARA SOUSA DE LIMA | YARA ALVES PIMENTEL | JORGE GABRIEL LUMES SILVA
EEMTI FRANCISCO VIEIRA CAVALCANTE

Órfã aos três anos, Cecília Meireles transformou a ausência em presença poética. Em seus versos, a melancolia nunca pesa — flutua. A dor nunca grita — sussurra. É dessa contradição aparente que nasce uma das vozes mais singulares da literatura brasileira: uma poetisa capaz de falar sobre a morte com a delicadeza de quem embala uma criança, e sobre o amor com a consciência aguda de quem conhece a fugacidade de tudo. Na poesia de Cecília, o trágico e o etéreo dançam juntos, provando que a verdadeira leveza não ignora o sofrimento — ela o atravessa e, ainda assim, escolhe cantar.

Sou poeta...

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1901, em meio a perdas que marcariam profundamente sua sensibilidade poética. Órfã de pai antes de nascer e de mãe aos três anos, foi criada pela avó materna, dona Jacinta, cuja figura amorosa e os ensinamentos sobre música e literatura plantaram as sementes de uma das mais importantes vozes da poesia brasileira.

A solidão e a brevidade da vida tornaram-se temas recorrentes em sua obra desde cedo. Cecília começou a escrever poesia ainda na infância, publicando seu primeiro livro, "Espectros", aos 18 anos, em 1919. Formou-se professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro e dedicou-se intensamente à Educação, tornando-se uma pioneira no jornalismo pedagógico brasileiro e defensora apaixonada da reforma educacional.

Sua poesia amadureceu ao longo das décadas seguintes, consolidando-se como uma das vozes mais singulares da segunda geração modernista brasileira. Diferentemente de muitos contemporâneos, Cecília manteve-se distante dos manifestos e movimentos literários, cultivando um lirismo delicado, musical e profundamente introspectivo. Sua obra transita entre o concreto e o abstrato, entre o temporal e o eterno, sempre com uma musicalidade única que revela sua profunda conexão com a música e o folclore.

"Viagem" (1939) marcou sua consagração literária, trazendo poemas que exploram temas como a transitoriedade, a memória, o tempo e a existência. A obra revelou uma poetisa madura, capaz de transformar a melancolia em beleza estética. Ao longo de sua carreira, publicou diversos livros de poesia, entre eles "Vaga Música" (1942), "Mar Absoluto" (1945) e "Romanceiro da Inconfidência" (1953), épico poético sobre a Inconfidência Mineira que demonstra seu domínio tanto da lírica quanto da narrativa histórica.

Mulher de vasta cultura, Cecília foi também tradutora, jornalista, professora e folclorista. Viajou extensamente pelo mundo, lecionou literatura e cultura brasileira em universidades estrangeiras e recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Sua atuação como educadora e divulgadora da cultura brasileira foi tão significativa quanto sua produção literária.

IRMÃO DAS COISAS FUGIDIAS

A poesia de Cecília Meireles caracteriza-se pela sutileza, pela musicalidade impecável e por uma atmosfera de sonho e contemplação. Seus versos falam de amor, morte, natureza e infância com uma leveza que não diminui a profundidade filosófica de suas reflexões. Há em sua obra uma constante busca pelo essencial, pelo que permanece além das aparências fugazes do mundo.

Cecília Meireles faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 1964, vitimada por um câncer no estômago, deixando um legado literário de rara beleza e sensibilidade. Sua poesia continua a encantar gerações de leitores, permanecendo como testemunho de que a palavra, quando tocada pela arte verdadeira, transcende o tempo e alcança o universal.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:

MAIS NADA.

**Não basta que todos sejam iguais perante a lei.
É preciso que a lei seja igual perante todos.**

SALVADOR ALLENDE

MÉDICO E POLÍTICO SOCIAL-DEMOCRATA CHILENO.

BIOGRAFIA

MESTRE NOZA

ALMA SERTANEJA

Guilherme Tomé Valeiro
Maria Cecília Alves Landim
EEMTI FIGUEIREDO CORREIA

Inocêncio Medeiros da Costa, popularmente conhecido como Mestre Noza, nasceu em Taquaritinga do Norte, Pernambuco, em setembro de 1897. Sua trajetória como artista começaria, entretanto, longe de sua terra natal.

Chegando ao Juazeiro do Norte em 1912, após vencer mais de 600km de caminhada, Mestre Noza trabalhou inicialmente como funileiro e, em seguida, numa oficina de rótulos.

Nesse momento inicial de sua carreira, também recebia, com certa regularidade, encomendas para fabricar cabos de revólveres. No começo da década de 1940 surgiram as primeiras encomendas de pequenos santos entalhados em madeira da região. Importante ressaltar: o início como santeiro deve-se sobretudo ao fato de Juazeiro do Norte ser um polo de turismo religioso.

Foi nesse ambiente de devoção popular e efervescência cultural que o jovem Inocêncio descobriria sua verdadeira vocação.

Não se sabe ao certo quando Mestre Noza começou a fazer capas de madeira para ilustrar folhetos de cordel. Sabe-se, contudo, que nascia, por meio destas capas, o xilógrafo Mestre Noza.

Mestre Noza foi pioneiro em elevar o artesanato popular nordestino ao status de arte.

Desde então, a xilogravura, juntamente à escultura, ocupariam o palco central de sua vida.

Em 1961 participou da primeira exposição em Paris. Em 1965 seu álbum Via Sacra foi editado em Paris e obteve excelente recepção.

O mestre morreu em São Paulo no dia 21 de dezembro de 1983, aos 86 anos. Neste mesmo ano, foi inaugurado o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, em homenagem àquele que inspirou tantos artistas da região.

A sede, localizada à Rua São Luís, 95, no centro de Juazeiro do Norte, abriga hoje trabalhos de mais de 100 artistas e artesãos do Cariri. Era um antigo prédio da Polícia Militar, que foi reformado, tornando-se um dos mais importantes polos de arte popular do Brasil.

O legado de Mestre Noza transcende suas obras. Ele foi pioneiro em elevar o artesanato popular nordestino ao status de arte, provando que a xilogravura e a escultura nascidas no contexto da religiosidade popular possuem valor estético universal. Suas mãos transformaram madeira em fé, devoção em arte, e deixaram um caminho para que dezenas de artistas do Cariri continuassem a tradição do entalhe e da gravura popular brasileira.

Em 1997, ano do centenário de seu nascimento, a Fundação Memorial Padre Cícero organizou uma mostra de seus trabalhos, intitulada "Cem Anos de Noza".

NESTE GRANDE FUTURO, VOCÊ NÃO PODE ESQUECER SEU PASSADO.

BOB MARLEY

CANTOR E COMPOSITOR JAMAICANO.

Quem quer música em vez de barulho,
alegria em vez de prazer,
alma em vez de ouro,
trabalho criativo em vez de negócio,
paixão em vez de tolice,
não encontra lar nesse nosso mundo trivial.

HERMANN HESSE

Escritor e pintor alemão.

BÁRBARA DE ALENCAR

Comerciante e revolucionária brasileira. Primeira presa política do Brasil, é considerada uma heroína da Revolução Pernambucana e da Confederação do Equador. Era avó do escritor José de Alencar e do Barão Leonel Martiniano de Alencar. Em seu amplo legado político, Bárbara de Alencar é lembrada como a figura de uma mulher comprometida com a causa libertária, possuindo importante participação em eventos com esse caráter no nordeste brasileiro. Embora sua história tenha sido omitida dos livros durante muito tempo, com recentes trabalhos de pesquisa histórica, seus feitos tonam-se cada vez mais difundidos e utilizados como referência na luta feminina na política.

ENSINAR É UM EXERCÍCIO DE IMORTALIDADE. DE ALGUMA FORMA CONTINUAMOS A VIVER NAQUELES CUJOS OLHOS APRENDERAM A VER O MUNDO PELA MAGIA DA NOSSA PALAVRA. O PROFESSOR, ASSIM, NÃO MORRE JAMAIS.

RUBEM ALVES

REVISTA